

Núcleo de Extensão e Pesquisas Antirracistas e Anticapacitistas - NEPARC

Ana Paula Ramos de Souza, Ângela Cristina Bastos Lummertz, Anilton Junior de Lara Nunes, Beatriz Lima Costa, Eliane Margarete da Silva Abreu, Fernanda Nogueira, Gabrielle do Nascimento Rasquinha, Giano dos Reis Rezende, Guilherme Rosa Pumes, Joana Carolina Klauck Magedanz, Luana Lopes da Silva, Raquel da Silva Silveira, Sara Noemi da Silva Oliveira, Silvana de Jesus Purificação, Vitória Cristina Perin Klaus
Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH) - UFRGS
e-mail: raquelsilveira43@gmail.com

O NEPARC é um programa de extensão que atua em dois eixos temáticos - racismo e capacitismo -, através de três projetos: Afroconto e Outros Contos, Coletivo de Extensão e Pesquisas Anticapacitistas/CEPAC e Saúde da População Negra. O programa é desenvolvido pelo Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana (IPSSCH) da UFRGS, atuando de forma interdisciplinar, com coordenação conjunta de docentes dos cursos de Psicologia e de Fonoaudiologia, juntamente com uma servidora técnica pedagoga do IPSSCH. O NEPARC objetiva contribuir para uma formação e atuação acadêmica comprometida com as lutas antirracistas e anticapacitistas, através de trocas entre a comunidade acadêmica e as políticas públicas. Figura 1. A articulação entre racismo e capacitismo é fruto da inclusão de pessoas com deficiência na política de cotas, pois inicialmente o foco do programa era o enfrentamento ao racismo na saúde mental. Com a chegada de estudantes com deficiência no programa,

passamos a estudar e a atuar na luta anticapacitista. O referencial teórico-metodológico se baseia na(o): Educação Popular (Deus, 2020), Estudos das Relações Raciais, Interseccionalidade, Modelo Social da Deficiência (MARCO, 2020). Os métodos utilizados são: rodas de conversas com a comunidade (interna e externa), no formato presencial e virtual; diários de campos e cartas pedagógicas para registro das aprendizagens e produção de conhecimento; oficinas com arte (palhaçaria e contação de histórias) para promoção da saúde; utilização das redes sociais e do site do programa (<https://www.ufrgs.br/neparc/>) para ampliação do alcance do público atendido. Propomos atividades que tematizam o racismo e o capacitismo através de recursos artísticos como a contação de histórias com personagens e conteúdos negros(as), africanos(as), indígenas e de pessoas com deficiências. Também utilizamos a palhaçaria como dispositivo para acessar a humanidade que muitas vezes é violentada pelas populações periféricas que

atendemos. Atualmente, atuamos quinzenalmente em quatro escolas públicas, incluindo a EJA, uma creche comunitária e um grupo de idosos(as) que tiveram AVC e ficaram com afasia. Figura 2.

Os resultados coletados junto ao público atendido tem sido de grande reconhecimento e valorização das atividades desenvolvidas, sempre surgindo demandas novas e encaminhamentos para outras escolas. Desta forma, também realizamos palestras e formações eventuais. Em todas as escolas atendidas temos uma parceria de trocas importantes com a equipe docente e diretiva. Para os(as) estudantes, docentes e servidoras envolvidas, o trabalho do NEPARC tem sido fundamental para um posicionamento crítico e comprometido com as transformações sociais e raciais tão necessárias na nossa sociedade. Mesmo com tantas adversidades e ataques aos serviços públicos que temos vivido nos últimos anos, a UFRGS tem apostado na extensão. A política pública de bolsas e de fomento da Pró-Reitoria de Extensão garante a permanência de estudantes, além de possibilitar a produção de materiais gráficos. O NEPARC já publicou dois livros: *A Psicologia e as Relações Raciais – um percurso em construção* (2021) -, e *Relicário de Memórias: por uma velhice brincante* (2022), ambos disponíveis em pdf no nosso site. O terceiro livro está no prelo, intitulado *Cirandando Afroconto: Educação para as Relações Étnico Raciais na Escola Estadual Silva Paes/RS*. Todos os livros visibilizam a produção de conhecimento construída no encontro proporcionado pela extensão universitária entre a universidade, as escolas públicas e o grupo de idosos(as). Os textos foram escritos por estudantes,



docentes e participantes das atividades desenvolvidas, materializando o que Paulo Freire nos ensinou sobre a importância da universidade reconhecer e aprender com os saberes comunitários, com a vida das pessoas com quem atuamos. Importante frisar a potência da política de cotas na extensão, pois agora a universidade é sacudida pela força da população oprimida que está ocupando o lugar de estudante. As pessoas negras, pobres, deficientes, indígenas, LGBTQIA+ não estão lá fora, lá nas comunidades. Graças às lutas desses movimentos sociais, a universidade começa a se democratizar, a se enegrecer e a se popularizar. Desta forma, a extensão também mudou. Dentro e fora, universidade e comunidade se misturam, se conflitam e produzem novos conhecimentos, pelo menos no curso de Psicologia podemos afirmar esses avanços. Sempre tensos. Assim, reconhecemos que os conhecimentos trazidos por esse novo público que compõe os bancos universitários, tanto na graduação como pós-graduação, e mais timidamente no corpo docente da UFRGS, tem enriquecido as nossas práticas e teorias. As ações de contação de histórias e de palhaçaria desenvolvidas pelas(os) nossas(os) bolsistas promovem ações que encantam outros(as) estudantes e fomentam a atuação voluntária de mestrands e doutorands. Figura 3. Infelizmente,



Figura 1: Estande do NEPARC na Mostra Interativa do Salão de Extensão de 2023. Centro Cultural da UFRGS

Figura 2: Leitura coletiva do livro *Relicário de Memórias – por uma velhice brincante*, com o grupo de idosos. Casa de Cultura Mário Quintana. Dezembro de 2022

o racismo e o capacitismo continuam operando fortemente nas nossas instituições, nas nossas subjetividades, nas nossas formas de aprendizagem. Por isso, as universidades públicas, majoritariamente brancas, eurocentradas e “capazes” precisam ampliar suas práticas para o enfrentamento institucional do racismo e do capacitismo. Acreditamos que essa focalização produzirá efeitos interseccionais, pois as iniquidades de gênero e classe social também serão visibilizadas. Em 2023, recebemos estudantes que precisaram realizar atividades de curricularização da extensão, o que tem se mostrado fundamental para a ampliação das trocas de saberes com a sociedade. ◀



Figura 3: Contação de histórias do projeto Afroconto no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo em Porto Alegre, 2023

Referências

DI MARCO, Victor. **Capacitismo: O Mito Da Capacidade**. Belo Horizonte. Letramento, 2020. DEUS, Sandra de. **Extensão universitária : trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.